

Ivan

Alexandre
Azevedo

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Longe de quase tudo e muito próximo de quase nada, na baixa da égua, por onde poucas vezes o vento dava o ar de sua graça e por onde também andava um contingente de gente indigente, de boca sem dente em busca de aguardente, ali se encontrava o boteco do Ivan, o terrível. Mal havia descerrada a porta de entrada, já há muito necessitada de urgente reparo, ele entrou como de costume, pelo menos era assim nos dias úteis que, na verdade, para ele não eram tão úteis como afirmava serem os dias do calendário, desses de mulheres sensuais que se viam em paredes de borracharia, preso também à parede da pulperia, já gastos pelo passar, não das folhinhas com os seus dias e meses, mas dos anos, visto que ninguém teve ali a pachorra de dizer para o botequeiro, “ô Ivan, não vê que esse calendário é do século passado?”, e que as mulheres expostas em suas folhas já estavam mais enrugadas que cachorro da raça chinesa shar-pei. O taberneiro desengonçado, intrigueiro despudorado, nem perguntou, já trazendo a média habitual, junto com ela um pão horrendo, “que maldita fornalha poderia ter parido coisa tão monstruosa?”, sem pé nem cabeça, mais feia que briga de foice no escuro, e teve uma vontade quase que incontrolável de mandar a fedorenta perruma farelenta, dessas que se jogavam na rua para a refeição de cachorros

sarmentos e cães gafentos, juntamente com o seu fétido fornalheiro, para a putaqueospariram!, mas calou-se porque sabia muito bem que quem se misturava com porcos farelo comia, “só café com leite”, disse um tanto amuado, amofinado como nunca sentira antes, arreliado de um jeito jamais percebido, agastado de dar desgosto. O birosqueiro grangazá, com cara de poucos amigos e muitos inimigos, levou o quasímido de trigo para o homem ao lado, sedento que estava por uma refeição de assobio. Há quanto tempo tomava o seu desjejum ali? Talvez dez ou quinze anos, provavelmente uns vinte, era uma vida inteira, e a mesma sujidade de sempre e só agora notado a pocilga, mais um belicnete, em que entrava todas as manhãs, logo após o levantar tortuoso e barulhento da porta de ferro, fizesse chuva ou sol, muito mais frequente este do que constante aquela, sendo quase sempre o primeiro a entrar, sem ter por isso qualquer tipo de regalia, pelo contrário, era quase que despercebido pelo outro atrás do balcão e isso só não sendo a mais pura das verdades porque ele pagava pelo consumido, isso era fato, não pendurava nunca, para ele era lei e lei não se descumpria jamais, se não podia pagar, nada pedia, se nada pedia era porque não podia pagar, mesmo assim não deixava de entrar no boteco, não porque se sentia confortável lá dentro, mas para esperar pelo lotação que parava logo à porta de entrada, num ponto imaginário, sem qualquer conforto para o usuário, que ficava à mercê da poeira grossa que subia daquela terra seca e esburacada, seguindo à risca um ensinamento de um velho e bom libanês, dono de uma loja de fazendas no centro da cidade, que conhecera na

adolescência, para quem prestava alguns serviços de rua a troco de uma boa gorjeta, que, “aquele que nunca se queimou ao sol não sabe o valor de uma sombra”. O botequeiro engruvinhado, carnicheiro abolachado, sempre do mesmo jeito, anos a fio e os fios hisurtos do nariz, este feito um bico de águia, confundindo-se com os do bigode farto, mal aparado, de um amarelo esbranquiçado, à maneira de um velho leão-marinho. Após o café com leite, acendeu um cigarro, desejado de perguntar ao vendeiro ensebado e fuxiqueiro engordurado, se era amigado, amancebado, arranjado ou amasiado, já que nunca vira uma mulher ao seu lado, ali naquele botequim malfadado. “Que fulaninha teria coragem de dormir com um homem tão asqueroso, porco enchouriçado, cafumango que só vendo, cheirando a umbigo inflamado?”. O pano de prato furado e desfiado, pendurado no ombro esquerdo, “ou seria no direito?”, próprio para limpar o balcão cascaburrento, sempre o mesmo, tão velho e surrado quanto ele, quase nunca lavado, servido também para secar as gotas de suor que escorriam da testa, essa quase sempre empapada, empoçada pela sudação. A fumaça do cigarro irritando os olhos, a cinza não batida devido ao fugaz pensamento, “se fosse possível queria conhecê-la”, saber quem era a desgraçada que dormia e talvez, hipótese remota, trepava com o baiuqueiro de fama marombeira, embromador de nascimento, reimoso de crescimento, pernicioso de envelhecimento. Cogitabundo, daguerreotipou-a no meio da fumaça do cigarro entre os dedos de unhas sujas e roídas, xibimba, as pernas varizentas, como mapas de importantes regiões hidrográficas, “na da direita o Tietê e os seus fiéis

afluentes, desbravadores valentes, como aqueles bandeirantes destemidos atrás de suas pedras preciosas, raras como um leãozinho cor-de-rosa e um lobo-mauzinho de porcelana, ali um pouco acima o Aricanduva, mais adiante o Baquirivú-Guaçu, descendo um pouco mais o Biritibamirim, correndo por fora, impetuoso, o Jacaré-Guaçu, lá na frente o incansável e sinuoso Tamanduateí; já na da esquerda, era o Paraná, o Paranazão que se destacava, imponente e majestoso, correndo solto, veloz como um guepardo, para se unir lá na frente ao arrojado Uruguai e formar com toda propriedade o audacioso Prata, este de curso e pulso firmes, para, finalmente, descansar, depois de tanta correria e corredeira, desaguando impoluto nos braços epopeicos do mar de Atlas. E assim como o outro, o Paraná também dotado de seus competentes afluentes, de um lado, à sua margem direita, o Suruí, espoleta feito um guri, do ladinho o Verde, carinhosamente chamado de Verdinho, e o Pardo, nascido na cidade de Pardinho, “ou será natural de Ipuiúna?”; à margem esquerda, novamente o Tietê, longo, longo, muito mais que arrote de girafa; também e caudalosos, o Paranapanema e o Iguaçu”, esses dois uns igualmente não menos importantes no cenário hidrográfico do país e nas coxas da puxavante do cascorento do Ivan, o convulsível; a boca calada, murcha que só, exibidora de um buço de dar inveja à mãe, à avó e à bisavó de portugueses, desinteressada de qualquer gemido, nem mesmo de uma grunhidela sequer, as nádegas, essas duas, ladalado, firmes, mas moles, tristemente caídas como os seios, essesões insistentes em tocar, pelo menos, o bico no umbigo mal curado. “Como é que um

homem podia ficar excitado diante de uma mulher tão mal pintada?”, isso se era possível chamar de mulher a dita capacitada de dar para o tasqueiro desafortunado, futriqueiro acanahado do Ivan, o inquestionável, mas o certo era que sempre havia um chinelo velho para um pé doente, isso era fato. O restinho de café com leite no fundo do copo americano servido às moscas, juntas num verdadeiro moscaréu, como que um mosquedo sem tamanho, agitado e barulhento, digna de uma moscaria bem viva e vivaz, num zunzum sem fim nem começo. Uma delas, das moscas, menos faminta ou já de pança cheia, pousou gordamente em seu braço, ele apenas olhou, sem ânimo algum para espantá-la, sendo que um sopro, um bafejo de nada, bastava. Outro homem entrou, suando mais que cueca de carteiro, faminto por um suor-de-alambique, de preferência um estoura-peito daqueles, desses de embebedarem gambá e todos os seus convidados, caídos em uma piscina de aguardente, “o último que pular é mulher do padre”, podendo ser da canjebrina mesmo, essa uma que de tão forte havia matado um guarda do rei, já conhecido ele, tão antigo quanto, freguês assíduo da baiúca. Entretanto, nem um balançar de cabeça, tantos anos assim, havia entre eles, os dois. Era uma dose só, bebida num gornope, seguido de um estralar de língua barulhento, mas afinado, concertado, perfeito, depois a moeda jogada em cima do balcão rugoso, dando por quitada a sua branquinha nossa de cada dia. Uma palavra saída da boca do outro, mesmo que ínfima, monossilábica, de não fazer falta nem míngua, de quase não se ouvir, nem mesmo por ouvidos de tuberculoso, “obrigado, Ivan, até amanhã”, jamais, nunca

dita. Como era então possível todos os dias, sempre na mesma hora, exata, o encontro infalível na tasca, um murmúrio de oi nunca murmurado, um olhar de cumprimento jamais olhado, um esboço de sorriso nunca esboçado, um levantar de sobran-celhas jamais levantado? E concluiu que, por mais que fossem somente os dois, os únicos dois sobreviventes sobre a face da Terra, assim como aquelas duas tribos, também únicas, que serviram de ótimo exemplo para o filósofo-doido Quincas Borba expor a teoria do Humanitismo ao seu amigo Brás Cubas, numa das muitas visitas que aquele, depois de ter recebido uma herança vultosa de um parente distante, deixando de ser mendigo, esmolando e morando no terceiro degrau da escadaria da igreja de São Francisco, à esquerda de quem subia, nem precisando bater na porta, fazia para este em sua casa, tendo, portanto, as duas, as tribos, que lutarem entre si por uma única plantação de batatas, esta dada para sustentar apenas uma delas, visto que se repartissem-na, ambas morreriam, porque elas, as batatas, não eram suficientes para isso, concluindo magistral e ironicamente que a paz era a total destruição da humanidade e a guerra, por sua vez, a salvação da mesma, “ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas!”, poderia ter ele pensado caso houvesse lido o romance machadiano, mas o fato era que ele nem sabia que um dia havia existido um romancista que não era vendido em bancas de revista como se fosse um autor daquelas coleções com nomes de mulher, Júlia, Bianca e Sabrina, mas o certo também era que em tempo nenhum, os dois cumprimentar-se-iam naquela tristonha e bisonha biboca mal frequentada, e se tivesse

ali uma única garrafa de cachaça, nada mais do que isso, apenas uma, teriam os dois que lutar por ela, não sendo possível dividi-la amigavelmente, posto também que não era suficiente para isso, e o vencedor, após a árdua batalha, como travaram certa vez Jaguarê e Pojucá, dois guerreiros, dotados de força e valentia, pelo título de “Senhor da Lança”, nas épicas páginas de um indianista romance alencariano, bebê-la-ia *per saecula saeculorum*. Não fez questão de perguntar ao bolicheiro, modelo de bagaceiro de última desordem, vendedor de desmancha-samba da mais baixa qualidade, quem era o freguês frequente, o constante aparecido, que bebia da sua caxaramba – o seu desjejum –, de onde vinha, para onde ia, o que fazia, “se é que fazia alguma coisa de útil nessa vida”, hipótese essa também um tanto quanto remota. Pelo menos, o seu nome ou, quem sabe?, um hipocorístico qualquer ou simples apelido, quase todo mundo era possuidor de uma alcunha, o alferes Joaquim José da Silva Xavier possuía a sua, o escultor barroco Antônio Francisco Lisboa também, este tristemente entrando para a história como Aleijadinho, aquele enforcadamente como Tiradentes, “Zito, Pelé e Pepe, quem nunca ouviu a escalação do Santos de sessenta e dois pelo menos uma vez na vida?”, perguntara um dia o Pirulito, “querem saber o nome verdadeiro desses três?”, ninguém queria, mas mesmo assim ele disse, “José Ely de Miranda, Edson Arantes do Nascimento e José Macia”, Benê ou Tonhão, carregada a alcunha por tantos trinta ou mais anos – a mãe, quando nascido o pobrezinho enclenque setemesinho, mais parecido com um filhote de rato, feio que só vendo, no santo dia de São Benedito

ou no são dia de Santo Antônio, homenageou o são ou o santo referidos –, não soubesse mais que na verdade se chamava Benedito ou Antônio, ou mesmo um nome diferente, Jeferson Anderson da Silva. Três minutos, quatro se tanto, não mais do que isso, mas também não menos do que aquilo, era o tempo exato permanecido na locanda do desprovido de rapapé, não olhando para ninguém, a não ser para o locandeiro, esse um putanheiro de mãe sem pai, também isento de palavras algumas, mudo de tudo, apenas com o olhar de olhos zambaios, zanaga de pai sem mãe, que não podia precisar se eram azuis ou verdes, provavelmente castanhos, no máximo cor de folha seca, dessas que caem das árvores e formam um tapete macabro, sinistro e medonho, impróprio para a realização de um piquenique ou qualquer outra coisa com isso parecida. Ele, também possuidor desses olhos, reparou que os do biboqueiro sem sobrenome, alcoviteiro de nome e renome, conhecido por todo aquele arrabalde, também eram e, com certeza, os da sua barregã não seriam nada diferentes disso, porque uma mulher que se comprometia a dar para o cafuçu só podia ter olhos dessa mesma cor. O ônibus lotado, passado há pouco e ele pouco se lixando em chegar meia hora ou trinta e cinco minutos mais cedo na empresa em que trabalhava feito uma besta de carga, de solassol, bertolezamente falando, como fazia sem-piternamente, apenas para mostrar ao chefe, “aquele porqueira fedorento”, de pensamento lento, burro feito um jumento, que ele estava ali de corpo e mente presentes, nunca faltante, jamais ausente, talvez até ciente de que o cavalo que chegava mais cedo era o que bebia da água boa. Mesmo quando



Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em novembro de 2020.

